

As relações da epígrafe com os gêneros introdutórios

(The relationships of the epigraph with the introductory genre)

Maria Emília Borges Daniel¹

¹Departamento de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

mariaemi@nin.ufms.br

Abstract: In this article, the epigraph is configured as a potentially introductory genre with which the author speaks of himself or of his work, indirectly, recurring to the voices of others. When pointing to the relevance of the topic dealt with in his work through voices of others, as argument of authority, the epigraph incorporates introductory purposes. Our objective was to illustrate the use of that concept in the analysis of the three epigraphs presented in the first page of the first through the last edition of the National Anthology (1895-1969), by Fausto Barreto and Carlos de Laet.

Keywords: Epigraph; introductory genre; Nacional Anthology

Resumo: Neste artigo, configura-se a epígrafe como um gênero potencialmente introdutório, pelo qual o autor fala sobre si mesmo ou sobre sua obra, indiretamente, recorrendo à(s) voz(es) de outro(s). Ao apontar para a relevância do tópico tratado pela obra através de vozes de terceiros, como argumento de autoridade, a epígrafe incorpora propósitos introdutórios. Nosso objetivo foi ilustrar o uso desse conceito na análise das três epígrafes apresentadas na folha de rosto da primeira à última edição da *Antologia Nacional* (1895-1969), de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Palavras-chave: Epígrafe;. gêneros introdutórios; Antologia Nacional

Introdução

Na abordagem de uma colônia de gêneros, a análise de gêneros torna-se mais produtiva, pois tal enfoque não se reduz à focalização de gêneros considerados isoladamente, possibilitando, assim, uma visão mais próxima das práticas sociais em que os gêneros circulam, normalmente, em contato com outros gêneros.

Neste artigo, partimos da ampliação, proposta por Bezerra (2007, p. 726-7), do quadro apresentado por Bhatia (2004, p. 67) para a descrição da colônia dos gêneros introdutórios, em gêneros introdutórios propriamente ditos (“membros primários”) e gêneros potencialmente introdutórios (“membros secundários”), entre os quais a epígrafe, configurada como um gênero secundário, potencialmente introdutório. Ilustraremos o uso desse conceito por sua aplicação à análise das três epígrafes, apresentadas na folha de rosto da primeira à última edição da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, uma seleta escolar usada como livro didático, nas escolas brasileiras, durante quase sete décadas (1895-1969). O livro didático é aqui concebido como um suporte de gêneros.

Para evidenciar as relações entre a epígrafe e os gêneros introdutórios

A abordagem das relações entre a epígrafe e os gêneros introdutórios implica considerar, inicialmente, o conceito de colônia de gêneros, proposto por Bhatia (2004),

para dar conta dos gêneros que mantêm uma inter-relação dentro e através de diferentes domínios discursivos.

Sobre esse conceito, cabe assinalar, segundo o lingüista indiano Bhatia, dois sentidos que o compõem e que reforçam seu potencial para a análise de gêneros. No primeiro sentido, colônia de gêneros significa “um agrupamento de gêneros intimamente relacionados” que compartilham, de forma considerável, propósitos comunicativos comuns, mas distinguem-se, entre outros fatores, por coerções relativas à filiação disciplinar, ao contexto de uso, ao relacionamento entre os participantes, ao público a que se destinam. No segundo sentido, tal noção implica um processo de “colonização”, ou seja, de “invasão da integridade de um gênero por outro gênero ou convenção de gênero, levando freqüentemente à criação de formas híbridas”, conforme Bhatia, (2004, p. 58), citado por Bezerra no seu artigo *Colônia de gêneros: o conceito e seu potencial analítico* (2007, p. 716).

Nesse mesmo artigo, Bezerra esclarece que os resultados da pesquisa por ele realizada (BEZERRA, 2006) implicam uma ampliação do quadro apresentado por Bhatia (2004, p. 67) para a descrição da colônia dos gêneros introdutórios ou “introduções acadêmicas”, especialmente no que diz respeito à introdução a livros acadêmicos. Conforme a análise desse autor, tal colônia apresenta uma configuração composta por dois grupos de gêneros, tal como é possível visualizar na figura a seguir:

Quadro 1. Colônia de gêneros introdutórios em livros acadêmicos.
Fonte: Bezerra (2007, p. 726)

1. Introduções a livros acadêmicos
1.1. Gêneros introdutórios propriamente ditos (“membros primários”)
Apresentação Introdução Prefácio Prólogo Nota biográfica Sinopse
1.2. Gêneros potencialmente introdutórios (“membros secundários”)
Agradecimentos Dedicatória Epígrafe

Como “membros primários” da colônia, os gêneros incluídos no primeiro grupo — apresentação, introdução, prefácio, prólogo, nota biográfica, sinopse — têm propósitos comunicativos, socialmente aceitos, referentes à tarefa de introduzir/apresentar a obra acadêmica.

Já os “membros secundários” da colônia, incluídos no segundo grupo — agradecimentos, dedicatória, epígrafe — não têm, em princípio, como propósito comunicativo, socialmente reconhecido, a mesma tarefa, ou seja, introduzir/apresentar uma obra acadêmica. Cada um deles tem sua própria especificidade, observando-se certa proximidade entre agradecimentos e dedicatória.

Apresentação dos procedimentos

Conforme o exposto na seção anterior, Bezerra (2007, p. 727) configura a epígrafe como um gênero potencialmente introdutório, “membro secundário” da colônia de gêneros introdutórios, pelo qual o autor fala sobre si mesmo, ou sobre sua obra indiretamente, recorrendo à(s) voz(es) de outro(s). Ao apontar para a relevância do tópico tratado pela obra através de vozes de terceiros, a epígrafe incorpora propósitos introdutórios e participa, muitas vezes, do processo de apresentação e promoção do livro diante do leitor.

Observamos, em pesquisa (DANIEL, 2001) que investigou o ensino de Língua Portuguesa em uma escola de formação de professores para o antigo ensino primário, que 4 dos 5 livros didáticos analisados apresentava uma, ou mais de uma, epígrafe na folha de rosto, com mostra o quadro abaixo:.

Quadro 2. Livros didáticos publicados no período de 1926 a 1955.

Autor	PEREIRA, Eduardo Carlos	MOTA, Otoniel	MOTA, Otoniel	NOGUEIRA, Júlio	BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de.
Obra	<i>Gramática expositiva Curso superior.</i>	<i>Lições de português</i>	<i>O meu idioma</i>	<i>O exame de português</i>	<i>Antologia Nacional</i>
Edição	46ª.	9ª.	5ª. correta	4ª.	32ª.
Local	São Paulo	São Paulo	São Paulo	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Editora	Companhia Editora Nacional	Companhia Editora Nacional	Companhia Editora Nacional	Livraria Editora Freitas Bastos	Livraria Francisco Alves
Ano	1926	1941	1929	1930	1955
Páginas	390	359	248	365	592
Epígrafe	Sim [1]	Não	Sim [1]	Sim [1]	Sim [3]

Considerando que o nosso interesse, neste estudo, recai, particularmente, sobre as 3 epígrafes da Antologia Nacional, apenas citaremos, a seguir, a título de ilustração, a epígrafe apresentada em cada um dos outros 3 livros:

1) *Gramática Expositiva: Curso Superior*, de Eduardo Carlos Pereira (46. ed., 1926):

Il existe donc une bonne tradition: la grammaire a le devoir de la faire connaître et de la defendre contre toute altération. C'est en enseignant le bon usage qu'elle se ne content pás d'être science, mais devient art.¹

A. Darmesteter (*Cours de Grammaire Historique de la Langue Française*).

2) *O meu idioma*, de Otoniel Mota (5. ed., 1929):²

Porém não deixe enfim de ter desposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Quem por esta ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço e sua valia.
CAMÕES

3) *O exame de português* (4. ed., 1930), a epígrafe é:

A grammatica historica é, por assim
dizer, a biographia das *linguas*, o registro dos factos
capitales, dos differentes aspectos que ellas vão

¹ Tradução nossa: Existe, portanto, uma boa tradição: a gramática tem o dever de torná-la conhecida e de defendê-la contra qualquer alteração. É ensinando o bom uso que ela não se contenta em ser ciência e se torna arte. (tradução nossa)

² Na citação dessa e das demais epígrafes, foi mantida a grafia original.

apresentando, nessa evolução perenne a que estão sujeitas.
Júlio Nogueira

Nosso objetivo, neste artigo foi ilustrar a constituição e o uso da epígrafe, apresentando uma análise das três epígrafes apresentadas na folha de rosto da primeira à última edição da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, uma seleta escolar usada como livro didático, nas escolas brasileiras, durante quase sete décadas (1895-1969). Tais epígrafes antecedem, na *Antologia Nacional* (AN), o gênero introdutório “prefácio”: “Prefácio da Primeira Edição” (p. 7-9), “Duas Palavras Como Antelóquio da 6ª Edição” (p. 10) e “Prefácio Desta 25ª Edição” (p.13-14).

Análise das epígrafes

A seguir, apresentamos a análise dos propósitos comunicativos e dos respectivos movimentos retóricos das três epígrafes dispostas uma após a outra, na abertura da *Antologia Nacional* (Figura 1), desde a 1ª edição, que recobrem, segundo nosso ponto de vista, três fases, inter-relacionadas, da história da língua, correspondentes, respectivamente, ao Latim, ao Português de Portugal e ao Português do Brasil, situadas em ordem cronológica e representadas por três autores consagrados pelo valor das suas respectivas obras literárias: Marcus Fabius Quintiliano, Antônio Ferreira e José de Alencar.

Considerando que, segundo Bhatia (1997a, 1997b, 2004), todos os gêneros que integram a colônia de gêneros introdutórios compartilham um propósito comunicativo principal que é “apresentar ou introduzir o livro”, procuramos investigar os propósitos comunicativos (SWALES, 1990) dessas epígrafes, como membros secundários e potencialmente introdutórios dessa colônia, no livro didático de que fazem parte, aqui concebido como um suporte de gêneros.

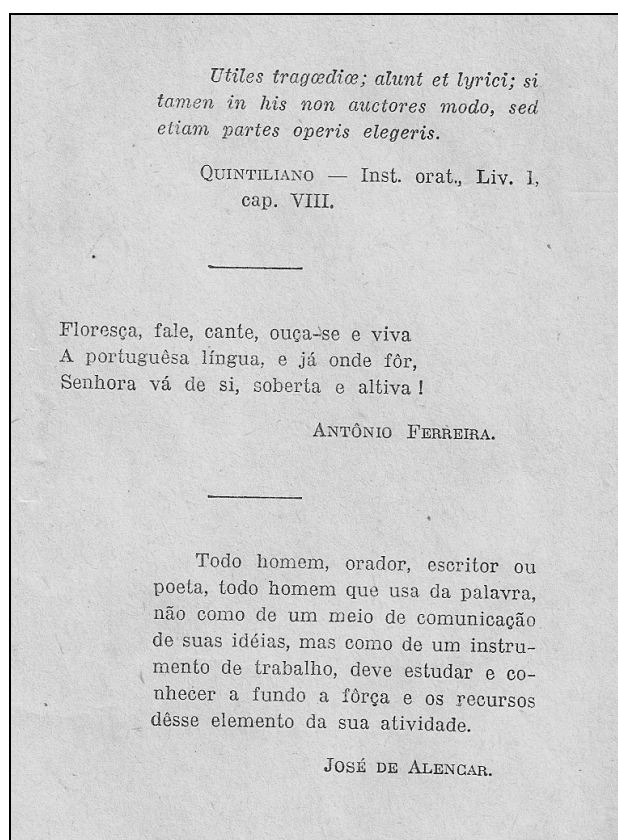


Figura 1. Epígrafes da Antologia Nacional (1895-1969)

A primeira epígrafe, correspondente à primeira fase, a do Latim, que remonta às nascentes da língua portuguesa, o representante é Marcus Fabius Quintiliano (35-40 d.C), professor de Retórica em Roma, que combateu a dialetização do latim e buscou a reabilitação dos autores clássicos. É ele o autor do trecho, em latim, extraído da obra *Institutio Oratoria* Liv. 1, cap. VIII, citado na primeira epígrafe da AN, abaixo transcrito e traduzido:

Quadro 3. Tradução da epígrafe 1 da Antologia Nacional.

Latim	Português
Utiles tragoedioe; alunt et lyrici; si tamen in his non auctores modo, sed etiam partes operis elegeris.	“Proveitosa é a tragédia; até os líricos sustentam; se todavia, nesses não apenas os autores tiveres escolhidos, mas também as partes da obra” ³ .

Na análise, tanto dessa epígrafe quanto das outras duas, levaremos em conta o quadro elaborado por Bezerra (Quadro 4), que indica o leque de opções retóricas de que as pessoas lançam mão ao escreverem prefácios, de acordo com os respectivos propósitos comunicativos. Vamos verificar quais desses propósitos e respectivos movimentos retóricos podem ser identificados em cada uma dessas epígrafes. Assim, vamos configurar as relações entre as epígrafes e os prefácios da Antologia Nacional. Eis os parâmetros que servirão de referência para a análise:

³ Tradução do Prof. Horácio dos Santos Braga. DLE/CCHS-UFMS.

Quadro 4. Movimentos retóricos do gênero prefácio.
Fonte: Bezerra (2007, p. 723)

PROPÓSITO COMUNICATIVO	JUSTIFICAR A OBRA
Movimentos retóricos	1. Definindo/discutindo o tópico central 2. Informando sobre o autor 3. Estabelecendo o campo de estudo 4. Indicando os objetivos do livro 5. Informando sobre a origem do livro 6. Indicando lacuna a preencher
PROPÓSITO COMUNICATIVO	RESUMIR O CONTEÚDO
Movimento retórico	7. Apresentando/discutindo o conteúdo
PROPÓSITO COMUNICATIVO	CONCLUIR PREFÁCIO
Movimentos retóricos	8. Indicando leitores em potencial 9. Fazendo recomendação/avaliação final 10. Fazendo agradecimentos 11. Expressando desejo/votos de sucesso

Considerando o modelo proposto por Swales (1990), apresentado no Quadro 4, observa-se que nele os movimentos retóricos e os propósitos comunicativos correlacionam-se, explicitamente, de acordo com os objetivos a que se destinam. Segue-se a análise da primeira epígrafe:

Quadro 5. Movimentos retóricos da primeira epígrafe.

“Proveitosa é a tragédia; até os líricos sustentam; se todavia, nesses não apenas os autores tiveres escolhidos, mas também as partes da obra”.	Definindo/discutindo o tópico central Estabelecendo o campo de estudo Apresentando/discutindo o conteúdo Indicando os objetivos do livro Indicando leitores em potencial Fazendo recomendação/avaliação final
---	--

Nota-se uma correlação entre os quatro movimentos retóricos identificados na primeira epígrafe e os propósitos comunicativos apresentados nos prefácios da AN, tendo em vista que:

1) a recomendação a respeito da necessidade de selecionar não apenas os autores, mas também as partes da obra, correlacionada aos movimentos retóricos constantes na segunda coluna do quadro acima, pode ser identificada, entre outros, nos seguintes recortes⁴ do Prefácio da Primeira Edição (1895) da AN:

Esmerámo-nos em repelir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino, observando, como pais de família e educadores, o máximo respeito que, como disse um Romano, todos devemos à puerícia. [...]

.....
O título de *antologia* muito de indústria o adotámos. Se os vocábulos podem ter cheiro, êsse é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos efetivamente reúne a idéia da *flor* e a da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocábulos como êsse! A proveitemo-lo.

E êle também prevenirá o leitor benigno de que se não escandalize de quaisquer lacunas. Um ramilhete não é um hórto botânico. Basta que formosas e aromáticas sejam

⁴ Nessa e nas demais citações da AN, será mantida a grafia original.

as flores aqui reunidas, e que oferecemos [sic] à mocidade de ambos os países onde se fala o português.

A primeira epígrafe, na voz de Quintiliano, reforça, portanto, o propósito comunicativo da AN, explícito no recorte acima apresentado, em selecionar, nas obras dos autores escolhidos, os trechos úteis para formar e alimentar o espírito dos jovens leitores aos quais se destinava a Antologia.

A segunda epígrafe, correspondente à fase do Português de Portugal, o representante é o quinhentista português Antônio Ferreira (Lisboa, 1528-1559), que defendeu o idioma pátrio da influência latina e espanhola e escreveu apenas em português, enquanto outros escritores de sua geração, como Sá de Miranda e Camões, escreveram também em castelhano. Passemos à análise:

Quadro 6. Movimentos retóricos da segunda epígrafe.

“Floresça, fale, cante, ouça-se e viva A portuguesa língua, e já onde fôr, Senhora vá de si, soberba e altiva.”	Definindo/discutindo o tópico central Estabelecendo o campo de estudo Apresentando/discutindo o conteúdo Indicando os objetivos do livro Indicando leitores em potencial Fazendo recomendação/avaliação final
---	--

A correlação entre os movimentos retóricos da segunda epígrafe e os propósitos comunicativos, apresentados nos prefácios da AN, pode ser evidenciada no recorte a seguir:

Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assuntos, optarmos por aqueles que entendessem com a nossa terra; e por isto nos sorriu que do Brasil falassem, não somente ROCHA PITA, MAGALHÃES ou ALENCAR, mas ainda o quinhentista JOÃO DE BARROS, o seiscentista FRANCISCO MANOEL DE MELO e o coevo LATINO COELHO. Ouvir da Pátria por bôca estrangeira e imparcial é sempre delícia para todo coração bem nascido.

A segunda epígrafe sugere o propósito comunicativo, na voz de Antônio Ferreira, de atribuir à AN a missão de valorizar o uso e o ensino da língua portuguesa.

Conforme Razzini (1992, p. 25), os versos de Antônio Ferreira fazem parte da “Carta III a Pero de Andrade Caminha”, inserida no volume II dos Poemas Lusitanos. Nessa carta, Antônio Ferreira se dirige a Pero de Andrade Caminha, para convencê-lo a escrever em língua portuguesa e, assim, servir à Pátria:

Mostraste-te até agora tão esquecido
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
Como se nela não foras nascido.
[...]
E a boa tenção, e obra à pátria sirva,
Demos a quem nos deu, e devemos mais.
Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva
A Portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si soberba, e altiva.
Se até aqui esteve baixa, e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram:

Esquecimento nosso, e desamor.
 Mas tu farás, que os que a mal julgaram,
 E inda as estranhas línguas mais desejam,
 Confessem cedo ante ela quanto erraram.
 [Sem grifos no original]

A terceira epígrafe, representante do Português do Brasil, na voz de José da Alencar, apresenta os seguintes movimentos retóricos:

Quadro 7. Movimentos retóricos da terceira epígrafe.

<p>Todo homem, orador, escritor ou Poeta, todo homem que usa da palavra não como um meio de comunicação de suas idéias, mas como um instrumento de trabalho, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento da sua atividade.</p>	<p>Definindo/discutindo o tópico central Estabelecendo o campo de estudo Apresentando/discutindo o conteúdo Indicando os objetivos do livro Indicando leitores em potencial Fazendo recomendação/avaliação final</p>
---	---

Correlacionando os movimentos retóricos da terceira epígrafe aos propósitos comunicativos, constantes nos prefácios da AN, podem ser citados os seguintes recortes:

Antecede aos excertos um estudo gramatical sobre a sintaxe da proposição simples e da proposição composta, da lavra de um dos compiladores, o professor FAUSTO BARRETO; e da do outro compilador são as notícias biobibliográficas antepostas ao primeiro trecho de cada autor. Nesses pequenos resumos são as sentenças críticas quase sempre proferidas por juízes especiais e competentes.

Idéia tivemos também de anotar os trechos, solvendo as maiores dúvidas que a jovens leitores neles pudessem ocorrer; porém no-lo vedou a escassez do tempo ficando para melhor ocasião o que em tal sentido havíamos começado. (Prefácio da primeira edição, p. 8)

Pareceu-me, por fim, de certa utilidade aos jovens do Segundo Ciclo, a subministração às páginas dessa *Antologia* de rápidas notas esclarecedoras: com o que, aliás, cumpro, embora apoucadamente, o desejo dos organizadores dêste florilégio, manifestado no prefácio da primeira edição.

Essas anotações, leves e breves, sem feição erudita, mas apenas adstritas a casos emergentes, são menos um ensino aos que aprendem do que simples avivamento do que sabem, ou adequado influxo para que se lhes volva o espírito às perquirições e colheitas, com que possam ampliar a aquisição e efetuar a prática superior do idioma, através dos prosadores e poetas com que se honram as letras brasileiras. (Prefácio da 25ª. edição, p. 14)

Tais recortes ressaltam a ligação entre os movimentos retóricos da terceira epígrafe e o propósito comunicativo expresso pelos organizadores da AN de promover o conhecimento da língua portuguesa e de seus recursos. Assim, com essa epígrafe, o propósito comunicativo dos autores da AN, na voz de Alencar, é o de acrescentar os matizes da língua portuguesa falada no Brasil, nos excertos dos prosadores e poetas brasileiros presentes na seção reservada à Fase Contemporânea da coletânea, de acordo com o recorte a seguir:

Valoriza-se, dest'arte, a presente edição não só com fragmentos do período anteclassico, senão também mediante novas páginas, colhidas à produção artística dos seguintes prosadores e poetas: DOMINGOS CALDAS BARBOSA, MANUEL ANTÔNIO DE

ALMEIDA, FRANÇA JÚNIOR, RUI BARBOSA, ALUÍSIO AZEVEDO, COELHO NETO, FARIAS BRITO, GRAÇA ARANHA, ALBERTO DE OLIVEIRA, OLAVO BILAC, VICENTE DE CARVALHO, CRUZ E SOUZA, MÁRIO PEDERNEIRAS, ALPHONSUS DE GUIMARAENS, AUGUSTO DOS ANJOS e HERMES FONTES. (Prefácio da 25ª. edição, p. 14).

De acordo com o até aqui exposto, cabe lembrar que Marcus Fabius Quintiliano, Antônio Ferreira e José de Alencar, autores das três epígrafes da AN, evidenciam um traço comum: a luta em defesa da língua que, com suas obras, ajudaram a fixar em sua forma literária. A citação de tais autores, nas epígrafes da abertura da NA, representa o propósito comunicativo, segundo o qual Fausto Barreto e Carlos de Laet estariam também assumindo o compromisso de defender e valorizar a língua como patrimônio cultural fixado pelos clássicos, modelos incontestáveis para o estudo e o ensino da língua e da literatura portuguesas.

Após a análise do gênero epígrafe, membro secundário da colônia de gêneros introdutórios, conforme ocorrências no *corpus* selecionado, chegamos ao seguinte quadro das possíveis opções retóricas de que as pessoas se valem ao escolherem epígrafes, de acordo com o propósito comunicativo identificado neste estudo:

Quadro 8. Movimentos retóricos do gênero epígrafe.

PROPÓSITO COMUNICATIVO	REFORÇAR OS OBJETIVOS DO PREFÁCIO
Movimentos retóricos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Definindo/discutindo o tópico central 2. Estabelecendo o campo de estudo 3. Apresentando/discutindo o conteúdo 4. Indicando os objetivos do livro 5. Indicando leitores em potencial 6. Fazendo recomendação/avaliação final

Considerações finais

Os resultados da análise confirmaram que se justifica a ampliação feita por Bezerra (2007) do quadro apresentado por Bhatia (2004), pois, na análise do *corpus* selecionado, tal ampliação mostrou-se eficiente para identificar as relações entre membros secundários e membros primários da colônia de gêneros introdutórios, particularmente, as da epígrafe, objeto deste artigo.

A análise evidencia que a epígrafe, na qual os autores falam sobre sua obra, indiretamente, apelando para as vozes de outros, incorpora propósitos introdutórios ao reforçar os objetivos da obra identificados no prefácio.

Assim, o tratamento da epígrafe a partir do agrupamento a que se vincula, ou seja, da colônia dos gêneros introdutórios (prefácios) do livro didático analisado, a *Antologia Nacional*, revelou-se um recurso/procedimento mais produtivo para identificar o propósito comunicativo desse gênero secundário, do que se tal estudo tivesse sido feito de forma isolada, ou seja, a epígrafe como um fim em si mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 32. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.

BEZERRA, BENEDITO G. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

_____. *Colônia de gêneros: o conceito e seu potencial analítico*. Disponível em: <<http://www.3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Pot/27.pdf>>. Acesso em: 6. nov. 2007.

BHATIA, Vijay. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum, 2004.

DANIEL, Maria Emília Borges. *O ensino de português na Escola Normal e Modelo Anexa, de Campo Grande: 1930-1940*. 2001. 327 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAZZINI, Márcia P. G. *Antologia Nacional (1895-1964): Museu literário ou doutrina?* 1992. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.